

Índios

Após a morte do velho pai, o índio Uarína assumiu o comando do grupo Amundáva



Amundáva: os primeiros contatos com a civilização

Texto: Ana Cláudia Rocha
Consultoria e fotos: Jesco Von Puttkamer

Após inúmeras tentativas, há dois anos foi contatado em Rondônia, o grupo indígena mais isolado dos Urueu-Wau-Wau: os Amundáva. Depois de uma epidemia, eles morreram em grande parte e hoje, protegidos pela Funai, vivem nas cabeceiras de um afluente da margem esquerda do Rio Urupá.

A pacificação dos grupos de índios Urueu-Wau-Wau localizados em Rondônia, tentada há mais de um século, nunca foi possível pela valentia em defender seus territórios. Muitas tentativas de contatos falharam até que, em 1969, o sertanista Apoena de Meirelles conseguiu um primeiro contato com o grupo Djahi, uma das divisões dos Urueu-Wau-Wau. Esses grupos costumam receber o nome de seu chefe. Assim, mais tarde também foi contatado o grupo chefiado por Canindé.

Mas, foi somente há dois anos que o grupo Amundáva, o mais isolado, arredio e também o mais puro dos Urueu-Wau-Wau, foi contatado pela primeira vez. Outros sertanistas auxiliaram Apoena de Meirelles nessa tarefa. João Maia, ou Baiano Maia, falecido durante as operações

por defender os índios; José Santaná, o Zebell, falecido por acidente com arma durante os trabalhos; Amaury Vieira; Hugo da Silveira, praticamente o que conseguiu contatar e proteger os Amundáva; e Sidney Posuelo, funcionário da Funai, atuaram todo esse tempo em frentes de atração.

Os Amundáva sempre residiram afastados e viviam em atrito com outros grupos. Dizem os pesquisadores que a principal razão desse atrito são as mulheres Amundáva que, consideradas as mais belas, às vezes eram roubadas por outros grupos. Assim, a dificuldade de penetração na aldeia sempre foi grande.

Há dois anos, sua aldeia ficava mais para o norte da reserva e os Amundáva contavam com mais de 86



indivíduos em seu grupo. Depois de uma epidemia de gripe e sarampo, adquirida em contato com um seringueiro da região, os Amundáva morreram em grande parte. Muitas crianças ficaram órfãs de pai e mãe. O velho chefe morreu, sendo substituído por um de seus filhos - o segundo e mais capaz de nome Uarína.

Visitando a aldeia em setembro de 1988, localizada nas cabeceiras de um afluente da margem esquerda do rio Urupá, distante 12 km do posto da Funai chamado Trincheira, pesquisadores do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia (IGPA) encontraram apenas 36 sobreviventes do grupo. O trabalho agora é evitar que novas epidemias ou qualquer espécie de contato maligno com os brancos venham a extinguir os Amundáva.

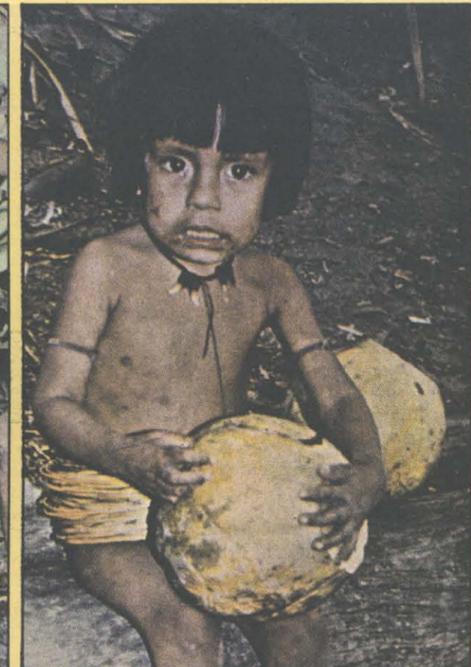
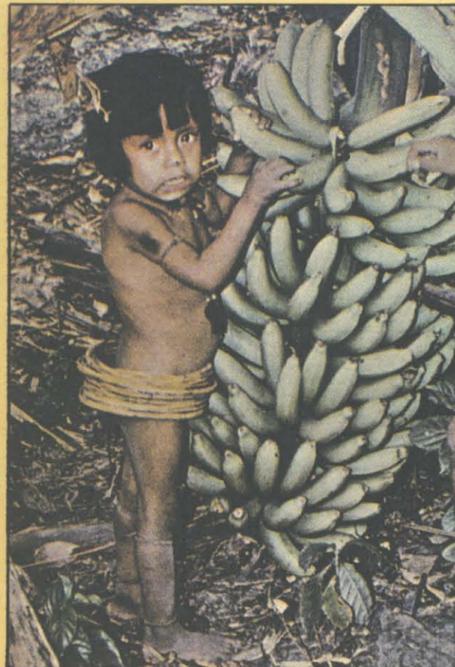
Transferidos para o extremo sul da reserva, os Amundáva estão protegidos pela Funai também para evitar problemas com invasores da região. Sempre houve uma luta feroz contra os invasores, em especial garimpeiros e madeireiros de mogno. São muitos os casos de invasão e domínio das terras indígenas. Mas, a calma e o respeito têm sido mantidos, principalmente pelas boas relações mantidas com muitos dos colonos.

Os costumes dos Amundáva são tupi, assim como sua linguagem. Uerua é a dança noturna, sua dança de guerra preferida. Uerua comemora a vitória sobre o inimigo invasor de suas terras. Com o uso da flauta de bambu, o canto dos Amundáva na dança Uerua descreve, minuciosamente, todos os detalhes da luta. Os Amundáva também conservam o costume de trocar seus nomes de acordo com as provas de iniciação pelas quais passam os jovens.

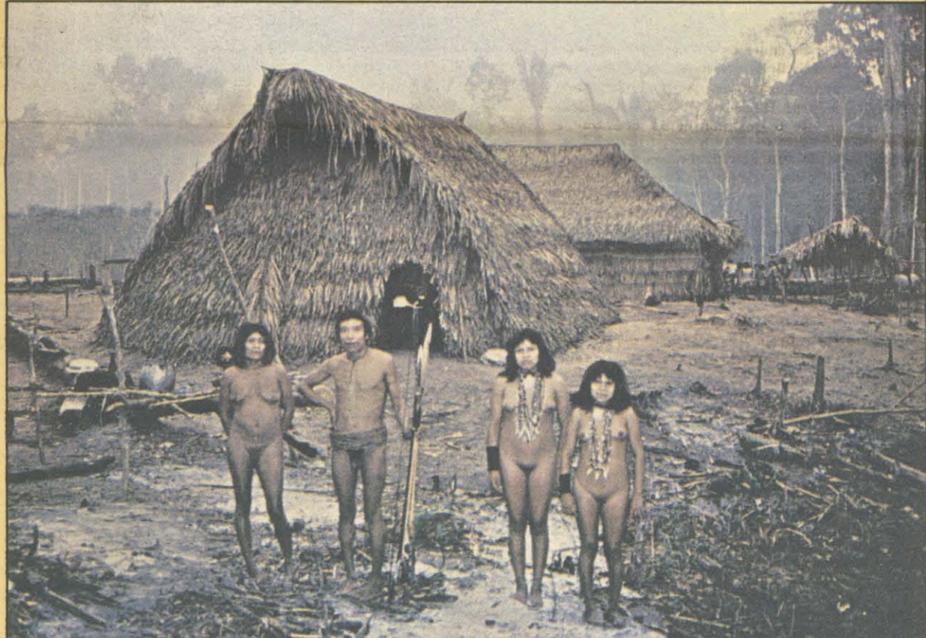
Os arcos e flechas são belos. O arco é feito da palmeira do Tucumã e a flecha de cana brava. Para os momentos de caça, a flecha é untada com o líquido de uma árvore, chamado Tike-Uba. Os Amundáva caçam principalmente anta e porcos selvagens. A queixada fornece ainda seus dentes que servem de adorno para os homens.

A pesca é outra atividade de extrema importância para os Amundáva. Pegam peixes pequenos com timbó e os grandes são pescados com a flecha. Toda a alimentação vem da natureza. É baseada em frutas. A terra, super fértil, é ótima para mamões e bananas. Farinhas e outros alimentos complementares são feitos pelas mulheres que sempre estão enfeitadas com objetos também encontrados na natureza.

Com belos colares de dentes de onças, abatidas a flechas, as mulheres preparam a mandioca para alimentar o grupo



A boa fertilidade da terra... alimenta a todos, principalmente as crianças, com abundância de frutas



No meio da selva, os Amundáva grupo dos Urueu-Wau-Wau, mantinham-se isolados e arredios ao contato com os brancos



Na dança Uerua, a luta contra o inimigo invasor é descrita com detalhes

Tike-Uba

Um veneno que pode auxiliar a medicina

Durante oito anos como documentarista audio-visual do IGPA, o professor Wolf Jesco Von Puttkamer Filho, junto aos índios Urueu-Wau-Wau, teve a possibilidade de observar uma novidade: o uso do suco de uma árvore como veneno contra inimigos e animais. O veneno, chamado Tike-Uba, tem ainda um alternativo, denominado Padia.

O líquido viscoso que sai da entrecasca vermelha das árvores é um poderoso anticoagulante, a tal ponto que os índios costumam untar as pontas de suas flechas com o veneno para, no momento de caça ou de defesa contra inimigos invasores, atingir o alvo de forma fatal. Atingidos pela flecha untada com o Tike-Uba, o homem inimigo e o animal de porte têm hemorragias dificilmente estancáveis.

Os efeitos causados pelo Tike-Uba têm impressionado pesquisadores de várias partes do mundo. Muitos acreditam que, combinado com alguma substância, o veneno pode contribuir para o avanço da Medicina, podendo solucionar graves problemas circulatórios por ser anticoagulante. Há dois anos, uma amostra da casca da Tike-Uba foi encaminhada para o laboratório Hoerscht, da Alemanha, a fim de que os estudos pudessem ser mais aprofundados.

O assunto já foi publicado na Revista National Geographic Magazine (EUA), na edição de dezembro de 1988. O interesse pelas pesquisas com o Tike-Uba cresce em todo o mundo, despertando a atenção de laboratórios, pesquisadores e cientistas. Em recente carta endereçada à doutora Ellen Simpson, do laboratório Merck Sharp & Dohme, na Pensilvânia, o professor Jesco Von Puttkamer explica que a Universidade Católica de Goiás resolveu aceitar a colaboração da professora e do laboratório nas pesquisas do Tike-Uba. Numa futura visita à Rondônia, a UCG contribuirá fornecendo amostras do Tike-Uba que serão analisadas no laboratório da Universidade de Utah, na Pensilvânia.



Na ponta da flecha, o veneno Tike-Uba pode matar o inimigo porque causa hemorragia não estancável